

Será que classe média chega a 52%?

Para advogada, apesar de haver melhora no padrão de vida do brasileiro, pesquisa tem interesses eleitoreiros

Colaboração de Isabelle Resende

Um levantamento feito por economistas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontou um aumento da participação da classe média na População Economicamente Ativa (PEA) do país. De acordo com o pesquisador Marcelo Néri da FGV, o aumento registrado foi de 44,19% para 51,89% nas seis principais regiões metropolitanas do país. Para traçar um cenário mais aprofundado da atual classe média e seu desenvolvimento nos últimos seis anos, o economista usou dados da Pesquisa Mensal de Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério do Trabalho.

O pesquisador delimitou as rendas domiciliares totais das classes sociais pesquisadas no levantamento. De acordo com ele, a classe E analisada na pesquisa leva em conta renda domiciliar total entre zero e R\$ 768. A classe D, os chamados "remediados", tem renda domiciliar entre R\$ 768 e R\$ 1.064. A classe C, a chamada classe média, tem renda domiciliar total entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591, enquanto a chamada elite, ou classes A e B, tem renda acima de R\$ 4.591.

De acordo com o pesquisador, um dos principais fatores que contribuíram para o aumento da classe média no total da PEA é a expansão nos empregos com carteira assinada.

Discordância

A metodologia da pesquisa gerou discordância em diversos setores da sociedade, por definir arbitrariamente as faixas de cada classe, como admitiu o responsável pelo levantamento.

— Concordo que o limite de cada faixa é arbitrário, é uma simplificação. Porém o tamanho desta classe ou a forma como ela é definida é o menos importante, o mais importante é que está havendo

um crescimento dela — afirmou Marcelo Néri.

Advogada contesta

A advogada trabalhista Sylvia Romano questionou a validade da pesquisa realizada pela FGV.

— Se os limites são arbitrários e, portanto não revelam a realidade, por que foram divulgados e estipulados valores para a divisão das classes sociais? — interrogou a advogada.

Para ela, o resultado da pesquisa está comprometido com os interesses eleitoreiros do governo. Sylvia admite que houve uma melhora no padrão de vida do brasileiro, mas que ainda está longe de elevar quase 52% da população ao status de classe média.

— Não é preciso ser economista para perceber este engodo. Basta uma conta rápida, envolvendo custos de moradia (aluguel ou prestação da casa própria) escola, supermercado, água, luz, gás, telefone, transporte, plano de saúde, remédios, vestuário, os famigerados impostos e outras necessidades básicas, para que qualquer responsável por uma família possa perceber a mentira desta conclusão sobre o que vem a ser a classe média. Isso sem levar em conta prestações de bens necessários, carro popular, canais de televisão a cabo, um pouquinho de lazer e os extras que sempre aparecem — explicou a advogada.

Para o economista há atualmente maior chance de alguém pertencente à classe média ascender para camadas mais altas do que há seis anos. Néri comentou, porém, que um dos pontos fracos também delimitados pela pesquisa é a ausência de mão-de-obra qualificada para cargos com maiores salários.

— Se antes nós tínhamos uma crise de desemprego, hoje nós temos um apagão de mão-de-obra, em que não há profissionais qualificados — disse.